

TOLKIEN, J. R. R. Beren e Lúthien. In: TOLKIEN, Christopher (ed.). *Beren e Lúthien*. Tradução: Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

UM OLHAR SOBRE BEREN E LÚTHIEN, DE J. R. R. TOLKIEN

Desiree Bueno Tibúrcio[†]

Sebastião Bonifácio Júnior^{†*}

[†]Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, Brasil

Lúthien – a única coisa que se lê na lápide do túmulo de Edith Mary Tolkien é o nome élfico criado por seu marido. Em uma carta a seu filho, o epitáfio de Edith deveria ser, segundo Tolkien: “breve e seco, exceto por Lúthien, que me diz mais do que uma quantidade imensa de palavras: pois ela era (e sabia que era) minha Lúthien” (CARPENTER; TOLKIEN, C., 2006, p. 696). No ano seguinte, *Beren* seria acrescido à lápide, logo abaixo de J. R. R. Tolkien.

Beren e Lúthien (2017), uma das últimas obras póstumas editadas por Christopher Tolkien – herdeiro da produção tolkieniana –, é reapresentado sob forma inédita no ano em que o editor anuncia sua aposentadoria. A obra chegou ao Brasil em 2018, fruto de um esforço da HarperCollins de ampliar a literatura tolkieniana no país. A proposta da filial brasileira é a de valorizar o trabalho de tradução, respeitando a importância que o autor (e filólogo) dava à linguagem (BERCITO, 2018, n.p).

A editora, que está publicando textos inéditos, retraduzindo toda a obra de Tolkien para o português brasileiro, afirma preconizar pela acessibilidade das obras no âmbito acadêmico e lançará no Brasil, inclusive, a coletânea *The History of Middle-Earth* (1983-1996), ainda que essa antologia, possivelmente, não dê tanto retorno financeiro (BERCITO, 2018, n.p.).

[†]Atualmente é doutoranda e possui Mestrado em Letras (Estudos Literários) pela UEL; possui licenciatura em Letras Português e Inglês pela UENP e tem formação técnica em Arte Dramática pelo IFPR. Integra o corpo editorial da revista Estação Literária da UEL na função de editora. Tem experiência como professora e pesquisadora da área de Letras com foco em: estudos literários; estudos tolkienianos, narrativas insólitas, literaturas de fantasia, romance épico, semiótica aplicada à literatura, literatura dramática, teoria do drama, teatro político, teatro do oprimido, relações entre a dramaturgia e outras linguagens (como o cinema) e teoria literária. E-mail: desireebt.1310@uel.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1026-896X>.

^{**} Doutorando em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Estadual de Londrina. Concluiu o curso de Mestrado em Letras (linha de pesquisa: Literatura Brasileira e Outras Literaturas Vernáculas; L1: Construções e processos identitários), na Universidade Estadual de Londrina (UEL), em setembro de 2019. Obteve sua graduação, na área de Letras Vernáculas e Clássicas, bem como a Especialização em Língua Portuguesa, também por intermédio da UEL. E-mail: bonifacio.junior@uel.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0814-2145>.



Para Tolkien (CARPENTER; TOLKIEN, C., 2006, p. 250), *Beren e Lúthien* é um dos principais contos de *O silmarillion* (1977), tanto por sua relevância em todo universo de *Eä*, como também por sua íntima relação às vivências do autor. Assim, segundo White (2016, p. 97 – 98):

A inspiração para começá-la [a obra] veio quando Edith dançou para ele no bosque, perto de uma de suas casas temporárias durante a guerra, em Roos, Yorkshire. Por isso Tolkien sempre associou “Beren e Lúthien” a ele e Edith. Em sua mente, os esforços do casal que descreve na história refletiam as batalhas da vida real que ele e Edith tinham enfrentado e vencido.

Isto posto, o cerne da narrativa repousa na estratégia tolkieniana “de que as grandes políticas da história mundial, ‘as rodas do mundo’, são frequentemente giradas não pelos Senhores e Governantes, ou mesmo os deuses, mas pelos aparentemente desconhecidos e fracos” (CARPENTER; TOLKIEN, C., 2006, p. 250). Desse modo, no conto, é narrado o romance proibido entre o mortal proscrito Beren e a imortal Lúthien. Incrédulo da capacidade do pretendente, o pai da jovem exige uma Silmaril¹ da coroa de ferro de Morgoth para que a união se concretize. Todavia, o casal conquista a joia, o que, ao final, custa a vida do herói. Com seu canto, Lúthien comove Mandos, que permite o retorno de Beren, sendo ele o único dentre os mortais a voltar da casa dos mortos. Para tanto, Mandos impusera que a heroína renegasse sua imortalidade e, assim, sua beleza se tornaria apenas uma lembrança nas canções.

O conto pode ser relacionado com o mito grego de Orfeu e Eurídice, que narra o trágico romance entre um músico que desposa uma ninfa: Eurídice falece e, com sua música, Orfeu persuade Hades a libertá-la, desde que o músico não olhe para a ninfa até que ela tenha sido liberta. Todavia, Orfeu olha “antes de ter saído dos Infernos: Eurídice desapareceu então, imediatamente, e desta vez para sempre” (HACQUARD, 1996, p. 225). O intertexto entre o mito e o conto de Tolkien é evidente: a figura da mulher amada é relacionada ao divino; o casal é separado devido a morte de uma das partes; e o sobrevivente consegue persuadir a morte por meio de sua música.

A trama tolkieniana retrata, inicialmente, o lugar-comum de casais separados pela morte de uma das partes, temática calcada nos mitos e explorada também desde *Romeu e Julieta*. Além disso, a divinização da mulher amada reproduz estereótipos românticos já obsoletos na época em que o conto foi escrito. Todavia, Tolkien subverte essa representação apresentando o protagonismo ativo de Lúthien em toda a trama e, ao final, é a mulher que resgata o ser amado da morte.

Após o falecimento da esposa, o autor relaciona a narrativa com sua vida: “mas a história deu errado e fui deixado, e eu não posso implorar diante do inexorável Mandos” (CARPENTER; TOLKIEN, C., 2006, p. 697). Apesar de seu caráter insólito, o conto imbrica-se à história de amor vivida pelo autor com sua esposa, Edith, que mais tarde foi narrada ao seu filho, transformando-se em uma memória pessoal também para Christopher:

esse conto foi escolhido *in memoriam* por causa de sua presença profundamente enraizada na própria vida dele [Tolkien] e por sua intensa reflexão sobre a união de Lúthien, a quem chamou de “a maior dos Eldar”, com o Homem mortal Beren, sobre seus destinos e sobre suas vidas. Ele remonta um caminho distante da minha existência, pois é minha mais antiga recordação efetiva de algum elemento em uma história que me estava sendo contada – não simplesmente uma imagem lembrada do local da narrativa. (TOLKIEN, C., 2018, p. 17).

Nesse sentido, se Tolkien se utiliza de traços de sua vida pessoal e os leva para a ficção, *Beren e Lúthien* acaba, igualmente, por se entrelaçar às vidas de pai e filho: o conto insere-se, desse modo, aos estudos das escritas de si. Segundo Doubrovsky (*apud* KLINGER, 2012, p. 47), a autoficção não seria “nem autobiografia nem romance, e sim, no sentido estrito do termo, funciona entre os dois, em um reenvio incessante, em um lugar impossível e inacessível fora da operação do texto”.

Beren e Lúthien é nomeado, em sua primeira versão, de *O conto de Tinúviel* e, apesar de escrito, inicialmente, entre 1917 e 1918, Tolkien continuou desenvolvendo-o no decorrer do tempo. Assim, um dos grandes diferenciais dessa edição encontra-se, justamente, na proposta de Christopher de publicar as diferentes versões dessa narrativa curta, em um volume único, com o objetivo de “mostrar como essa história fundamental evoluiu ao longo dos anos” (TOLKIEN, C., 2018, p. 14). Para tanto, o editor recorreu a manuscritos e cartas de seu pai, com a precisão de uma crítica genética.

As maiores obras de um escritor, segundo Diaz (2016, p. 243-244), “são as partes emersas do *iceberg*, talvez as mais belas – é uma questão de gosto –, mas [...] elas se apoiam em outras menos visíveis – cartas, cadernetas, diários – às quais estão amarradas por ligações tentaculares”. O trabalho realizado por C. Tolkien foi, então, o de esmiuçar as partes imersas do *iceberg* de *Beren e Lúthien*. Uma das versões de *O conto de Tinúviel* foi extraída, inclusive, de

diversos “caderninhos de exercícios” maltratados, a tinta e a lápis, muitas vezes pavorosamente difícil de se ler, apesar de que, após muitas horas espiando o manuscrito por uma lente, fui capaz, muitos anos atrás, de elucidar todos os textos com apenas algumas palavras indeterminadas aqui e ali (TOLKIEN, C., 2018, p. 28 – 29).

Beren e Lúthien é composto, então, de trechos e fragmentos – ora em prosa, ora em poesia – intercalados com comentários explicativos do editor que contextualizam as várias modificações sofridas no conto. Considerando o vínculo que a concepção da narrativa tem com a própria vida do autor, Christopher ainda complementa a obra adicionando informações pessoais sobre Tolkien e Edith.

O processo de construção da obra, utilizado pelo editor, remete à tradição da oralidade, em que se têm diferentes versões de uma mesma história e isso se faz extremamente relevant para a compreensão do movimento de reescrita empregado por Tolkien: a propagação das lendas e contos por meio da transmissão oral é também um recurso recorrente em toda a produção tolkieniana, pois o intuito primeiro do autor inglês era o de conceber uma mitologia essencialmente britânica (CARPENTER; TOLKIEN, C., 2006, p. 243). Para tanto, o escritor preocupou-se com todos os

pormenores necessários, inclusive com a literatura oral, um dos artifícios utilizados por Tolkien: “Vou contar-lhes a história de Tinúviel – começou Passolargo, ‘brevemente – pois é uma história longa cujo fim não se conhece; e agora não há mais ninguém, exceto Elrond, que a recorde com a mesma certeza tal como foi contada outrora.” (TOLKIEN, J. 2019, p. 285).

A oralidade marca, ainda, a memória que Christopher tem de seu primeiro contato com a narrativa: “meu pai a contou para mim, ou partes dela, falando sem nenhum escrito, no começo da década de 1930” (TOLKIEN, C., 2018, p. 17), sendo essa sua mais antiga recordação de uma história que lhe foi contada. A autoficção permeia o conto desde sua gênese: “conheci a Lúthien Tinúviel de meu próprio ‘romance’ pessoal, com seu longo cabelo escuro, seu belo rosto e seus olhos estrelados e sua linda voz” (CARPENTER; TOLKIEN, C., 2006, p. 690). As características de Edith são levadas para a construção da personagem, mas, além dos atributos físicos, o autor sempre evidencia a alegria de Lúthien com a dança e o encantamento de Beren ao vê-la dançar, pois a personagem dançava tal qual a esposa, Edith, dançou durante um passeio do casal:

nunca chamei Edith de *Lúthien* — mas ela foi a fonte da história que no devido tempo tornou-se a parte principal do *Silmarillion*. Foi primeiramente concebida em uma pequena clareira em um bosque repleta de cicutas em Roos em Yorkshire [...]. Naqueles dias seu cabelo era preto, sua pele clara, seus olhos mais brilhantes do que você os viu, e ela sabia cantar — e *dançar*. (CARPENTER; TOLKIEN, C., 2006, p. 697).

A história narrada no conto carrega traços de uma lembrança afetiva vivida pelo autor e sua esposa: a clareira de cicutas tornara-se especial, afinal Tolkien relata que, quando estavam sozinhos, ainda se encontravam sempre na clareira e andavam de mãos dadas: “muitas vezes para fugir da sombra da morte iminente antes de nossa última despedida” (CARPENTER; TOLKIEN, C., 2006, p. 697 – 698).

Ademais, o caráter autoficcional da obra aparece no próprio nome de sua heroína: “Tinúviel, o rouxinol, por causa da beleza de seu canto ao crepúsculo sob as árvores” (TOLKIEN, J. 2018, p. 110). No conto, Lúthien cantava como um rouxinol, pássaro cujo canto, audível sobretudo durante a noite, mais se assemelha a um assobio. De modo semelhante, Tolkien e Edith, ainda na adolescência e no início de um romance proibido, “inventaram um assobio particular. Quando o escutava de manhãzinha ou na hora de deitar-se, Ronald ia para a janela e debruçava-se – Edith estava lá embaixo, na sua janela, esperando por ele” (CARPENTER, 1992, p. 31). Assim, até mesmo as memórias vivenciadas no início de um romance ainda juvenil, influenciaram na construção do conto.

A narrativa se entrelaça às memórias de Christopher, que, não por acaso, escolheu republicar o texto, apresentando-o, desta vez, sob uma roupagem genética. Ademais, após dedicar sua vida organizando, editando e publicando as obras póstumas de seu pai, C. Tolkien, prestes a se aposentar, apresenta aos fãs e leitores dos trabalhos tolkienianos uma narrativa que, não somente contribui com o universo fictício de *Eä*, mas também com sua história de vida. A proposta de Christopher, com a republicação de *Beren e*

Lúthien, confere ineditismo e relevância para os trabalhos de Tolkien por apresentar e contrapor, em um trabalho genético, as diferentes versões do conto escritas ao longo da vida do autor de *O Senhor dos Anéis* (1954), também por entrecruzar a narrativa autoficcional com a história de seu pai e de sua mãe. Desse modo, a obra nos fornece múltiplas perspectivas a serem trabalhadas no campo dos estudos literários.

Nota

1. Uma das três joias criada pelo Alto-Elfo Fëanor com a luz das árvores sagradas Talperion e Laurelin – responsáveis pela iluminação do planeta antes que o sol e a lua surgissem. Após a destruição das árvores, sua luz permanecera preservada apenas nas três Silmarilli. As pedras foram, posteriormente, roubadas por Morgoth, que as incrustara em sua coroa.

Referências

- BERCITO, Diogo. Grupo de brasileiros refaz traduções da obra completa de J. R. R. Tolkien. *Folha de São Paulo*, 30 ago. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/08/grupo-de-brasileiros-refaz-traducoes-da-obra-completa-de-j-r-r-tolkien.shtml>>. Acesso em: 06 mar. 2020.
- CARPENTER, Humphrey. *J. R. R. Tolkien, uma biografia*. Tradução: Ronald Eduard Kyrmse. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher. *As cartas de J. R. R. Tolkien*. Tradução: Gabriel Oliva Brum. Curitiba: Arte e letra, 2006.
- DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores do século XIX*. Tradução: Brigitte Hervot e Sandra Ferreira. São Paulo: EDUSP, 2016.
- HACQUARD, Georges. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Tradução: Maria Helena Trindade Lopes. Rio Tinto: Asa, 1996.
- KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- TOLKIEN, Christopher. Prefácio. In: TOLKIEN, J. R. R. *Beren e Lúthien*. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018. p. 11-18.
- _____. *Beren e Lúthien*. In: TOLKIEN, J. R. R. *Beren e Lúthien*. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018. p. 11-18.
- TOLKIEN, J. R. R. *Beren e Lúthien*. TOLKIEN, Christopher (ed.). Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018. p. 27-36.
- _____. *O senhor dos anéis: a sociedade do anel – Parte I*. Tradução: Ronald Eduard Kyrmse. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.
- WHITE, Michael. *J. R. R. Tolkien: O senhor da fantasia*. Tradução: Bruno Dorigatti. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2016.

Recebido em: 06/06/2020

Aceito em: 16/11/2020